

UMAS TINTAS DE GERATIVA: conversa com quem não é do ramo¹

Dercir Pedro de OLIVEIRA (UFMS)*

A gramática gerativa tem perdido, gradativamente, seus seguidores nos últimos tempos. A prova disso é o grande número de doutores em lingüística com baixíssimo percentual de sintaticistas.

Acredito que a distância existente entre a complexidade da sintaxe e os afazeres do cotidiano têm concorrido para as deserções. Por outro lado, grande parte de estudiosos de outras áreas do conhecimento se dedicou, um dia, a estudos sintáticos. Quer dizer, teve umas tintas de gerativa.

O objetivo deste texto é tecer considerações sobre o gerativismo e mostrar que existem possíveis equívocos quanto ao formalismo da gramática. Nos programas de pós-graduação em Lingüística são poucos os alunos que se interessam pela gerativa e, ainda, grande parte dos cursos não oferece sintaxe.

Em congressos, por exemplo, é comum as salas de alfabetização, análise do discurso, semântica, fonética, lingüística textual, lexicologia etc. estarem cheias de participantes, enquanto as de teoria da gramática ficam quase completamente vazias.

Penso que os problemas começam a aparecer no “início do começo”. Desconhecem os objetivos da teoria chomskyana de um lado, e, de outro, o pesquisador quer mudança para ampliar o seu arcabouço teórico e muda mesmo. Os seguidores de teorias, por razões de preferência, quase sempre, criticam o que desconhecem sem ao menos saber qual é o objeto da ciência.

É comum ouvir professor dizer que não gosta de gerativa. Perguntamos por quê? Afirma que estuda frases isoladas e muda todo ano. Bom, mas qual é o objetivo da gramática gerativa? Negrão et alii (2002:97) dizem que os objetivos são:

¹ Este artigo publicado originalmente na WebRevista Discursividade. Endereço: www.discursividade.pro.br

* Agradeço ao Vagner Corsino Enedino a leitura do original. O Conteúdo é de minha inteira responsabilidade.

“i. a descrição do conhecimento lingüístico atingido por qualquer falante de qualquer língua; ii. a caracterização da Gramática Universal, e iii. a explicação dos processos que levam uma criança da Gramática Universal para o conhecimento da sua língua”.

Por acréscimo, deve-se enfatizar que a preocupação da gerativa é a língua I (interna), sistema mental, centrado na interiorização e nas estruturas. Só para clarear: a língua E (externa) é o objeto da análise do discurso, que envolve contexto e produção.

A Gramática Universal, centrada em princípios lingüísticos de caráter geral, se volta para os universais da linguagem, procurando descrevê-los e explicá-los. A gramática de cada uma das línguas teria a predominância de um caráter particular, buscando estudar as regularidades e características específicas das línguas.

No que respeita à Gramática Universal, ressaltam-se dois conceitos fundamentais: os princípios e os parâmetros. Sobre isso, Miotto et alii (1999: 26) dizem que:

“A faculdade da linguagem é composta por princípios que são leis gerais válidas para todas as línguas naturais; e por parâmetros que são propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas”.

Os primeiros são invariáveis, não admitem violação, são rígidos; enquanto os segundos são responsáveis pelas variações das línguas ou diversidades lingüísticas. Por exemplo, o português é considerado uma língua pro-drop, já o francês não o é.

Em Chomsky (1998: 39), ratificando o que já foi dito, temos que:

“... a abordagem de Princípios e Parâmetros se baseia na idéia de que o estado inicial da faculdade de linguagem consiste em princípios invariantes e em leque finito de escolhas quanto ao funcionamento do sistema inteiro. O prof. Tarallo, que era docente do IEL/UNICAMP, infelizmente, não viveu o suficiente para acompanhar a evolução do gerativismo e o aprimoramento dos Princípios e Parâmetros e, em consequência disto, fazer que sua pretensão de casar a Uma língua particular é determinada fazendo-se essas escolhas de um modo específico”.

O prof. Tarallo, que era docente do IEL/UNICAMP, infelizmente, não viveu o suficiente para acompanhar a evolução do gerativismo e o aprimoramento dos Princípios e Parâmetros e, em consequência disto, fazer que sua pretensão de casar a sintaxe com a sociolingüística fosse concretizada. Apesar de ter orientado dissertações e teses sobre o assunto em questão, os dias hoje são mais favoráveis ao que ele pretendia já em 1984, isto é, valer-se da performance para descrição de dados.

Como a conversa é com quem não é do ramo, vou recuperar alguns conceitos básicos da Teoria da Gramática, na tentativa de poupar o leitor de idas e vindas à dicionário de lingüística ou a manuais terrivelmente teóricos que, em alguns casos, a colaboração é muito tímida. Mãos a obra.

A identificação de sentenças gramaticais e agramaticais depende da competência do falante. Lobato (1986:48) afirma que:

“A competência corresponderia, grosso modo, à langue. Sua diferença está em que a competência não é um fato social, pois é o conhecimento que o falante tem do sistema lingüístico de sua língua. O desempenho já se aproxima mais da noção de parole, pois ambas essas noções designam o ato lingüístico individual”.

Oportuno é apresentar, a seguir, os componentes da gramática, tentando clarear, grosso modo, os conceitos. Veja:

Talvez um gerativista ortodoxo possa discordar de algumas colocações, apresentadas no texto, de qualquer modo, não vai aqui nenhum absurdo. Veja:

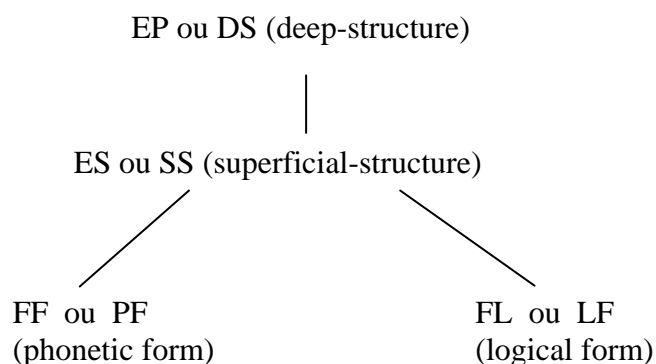
- i. Léxico: definido por traços fonéticos (vocálico, consonântico, palatal, vozeado...); semânticos (animado, agente, feminino...); e sintáticos (transitivo, objeto, argumento, ordenação...)
- ii. Sintaxe: contém a estrutura profunda, configuração da sentença sem movimento, e estrutura superficial depois da realização do movimento.
- iii. Forma fonética: elementos fonéticos que representam pela sucessão frase de uma língua. Apresentam marcas distintivas.

iv. Forma lógica: nível de representação do significado estrutural da oração. Consiste na relação significativa dos componentes sentenciais. A interpretação da forma lógica se dá por regras de coindexação.

Pedro se machucou.

i i

O modelo gerativista, a partir dos conceitos preestabelecidos, pode ser apresentado com a seguinte disposição:



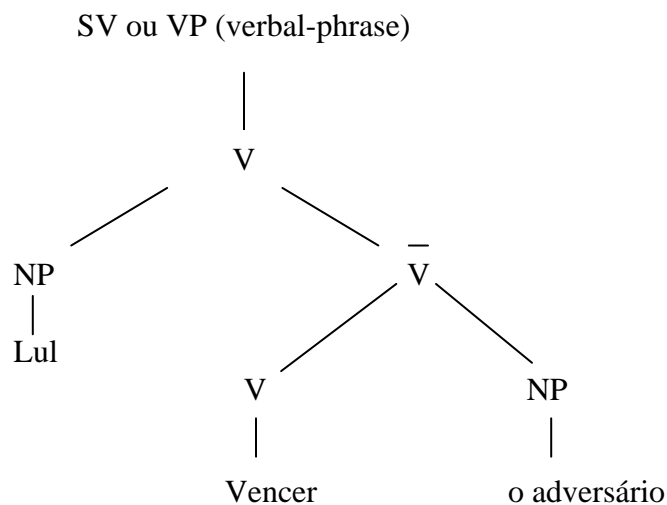
Segundo Miotto et al (1999:29):

“SS é uma representação sintática da sentença que vai ser interpretada fonologicamente por PF, isto é, PF vai dizer como aquela estrutura é pronunciada; e vai ser interpretada semanticamente por LF, isto é, LF vai dizer qual é o sentido da estrutura”.

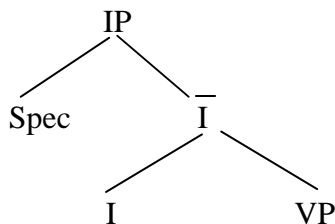
É importante fazer, na seqüência, uma breve referência a algumas categorias sintagmáticas fundamentais para posterior comentário sobre o indicador sintagmático, estrutura arbórea ou árvore. A árvore denota que na relação entre os constituintes existe uma hierarquia a ser respeitada.

Na representação por meio de categorias sintagmáticas, é necessário levar em conta o tipo de oração. Se for absoluta começará pelo sintagma flexionado ou IP (inflectional

phrase); se for subordinada terá início pelo sintagma complementizador ou CP (complementizer phrase); e, de igual modo, levar em conta o sintagma verbal ou VP que, grosso modo, é onde começa a sentença. A árvore é elaborada de baixo para cima. Configurações das três categorias:

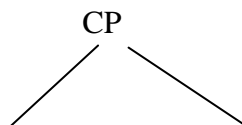


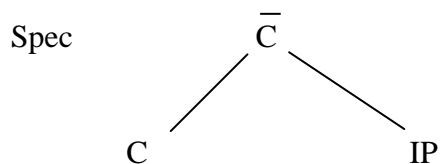
Sintagma flexional ou IP



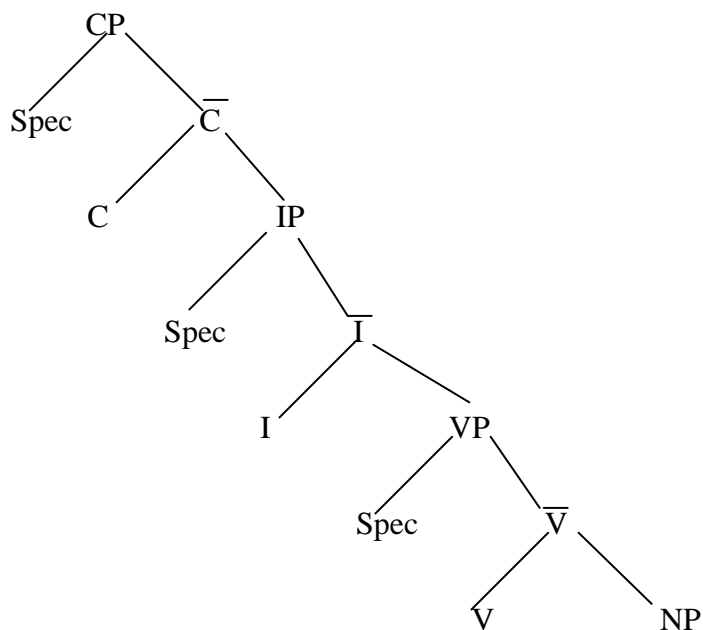
O especificador ou Spec (specifier) é uma posição, normalmente, ocupada por NP (digamos sujeito) ou uma conjunção.

Quanto ao sintagma complementizador ou CP, temos:

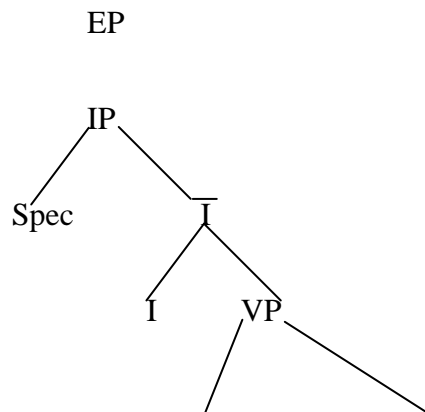




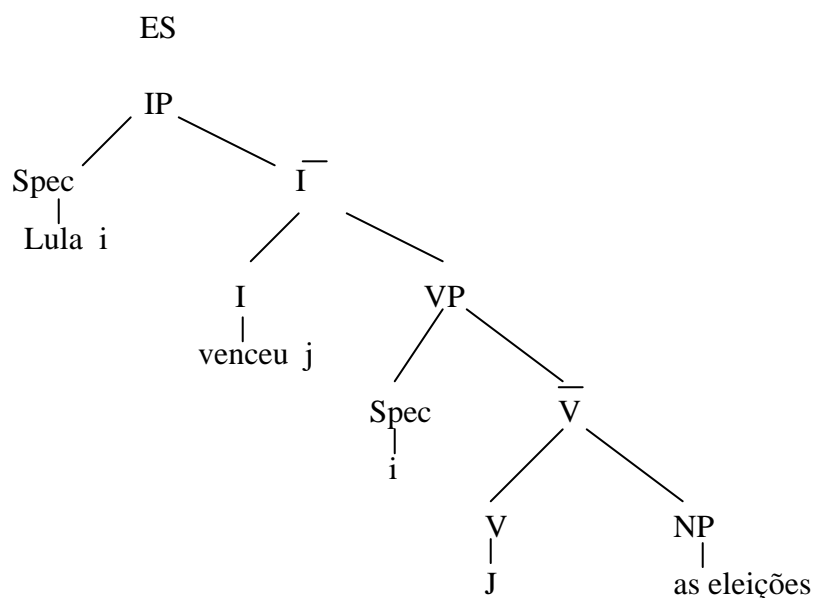
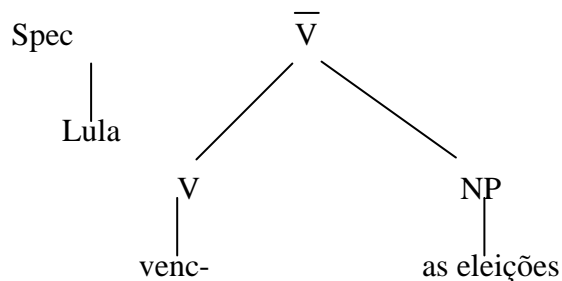
Diante do exposto, uma estrutura arbórea que possa representar uma sentença contendo oração subordinada, teria a seguinte disposição:



Pelo indicador sintagmático podemos identificar as estruturas profunda e superficial: a primeira sem movimento e a segunda com movimento.

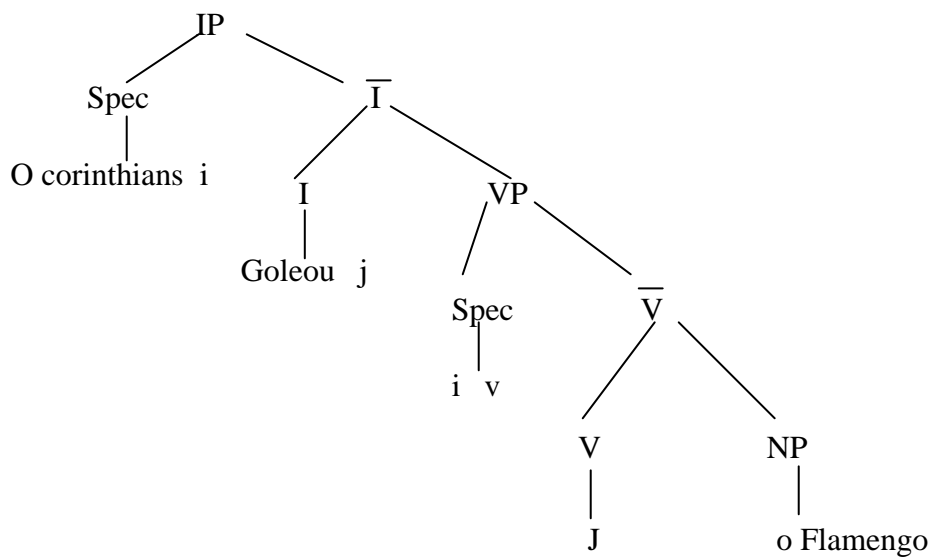


- eu

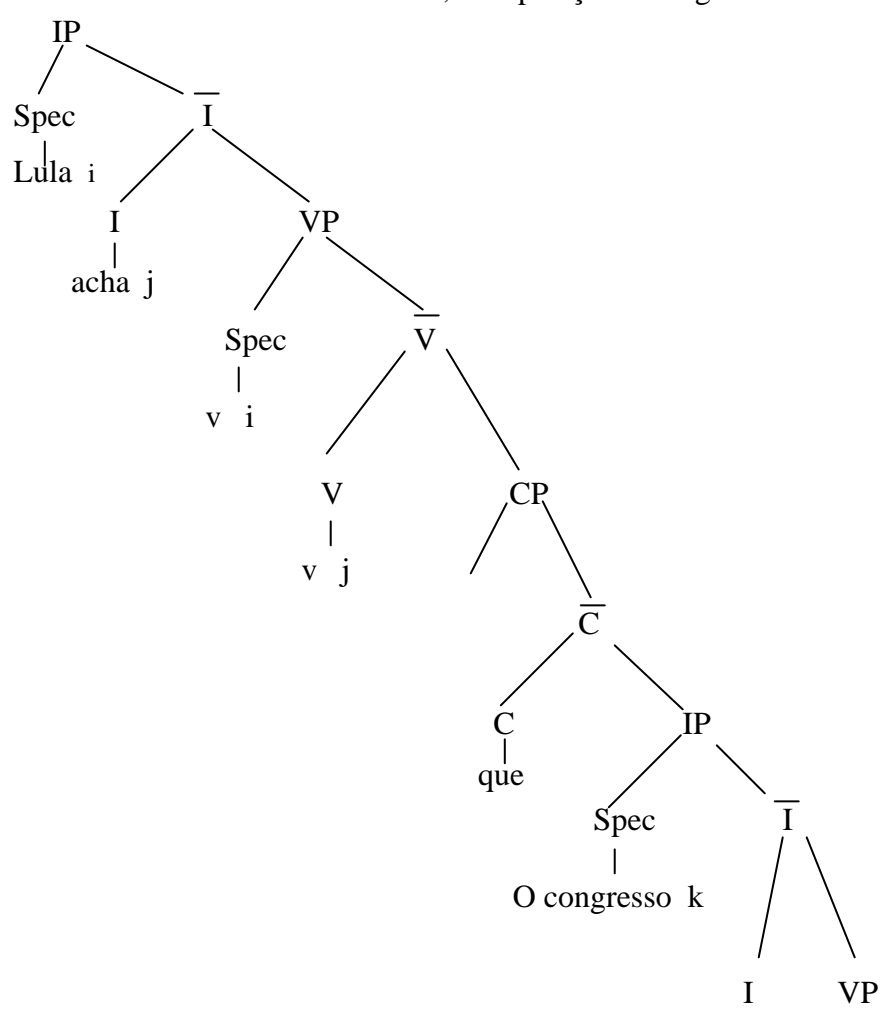


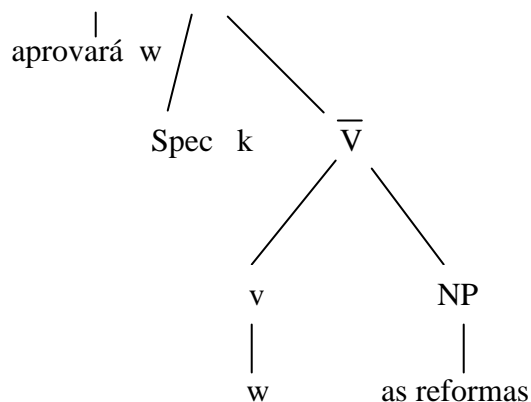
Visualiza-se que, por necessidade de atualização da sentença e de atribuição de caso, dá-se o movimento ou alçamento de componentes sentenciais. Assim, o NP Lula se desloca do spec de VP para o de IP, deixando um vestígio (v) e o verbo se desloca de V e vai para a flexão, deixando, igualmente, um vestígio. Daí: Lula venceu a eleição.

A realização da estrutura arbórea leva em conta o conhecimento que se tem da gramática tradicional (não adianta falar mal dela) no que respeita à análise sintática. Assim, se for uma declarativa, a estrutura será como segue:

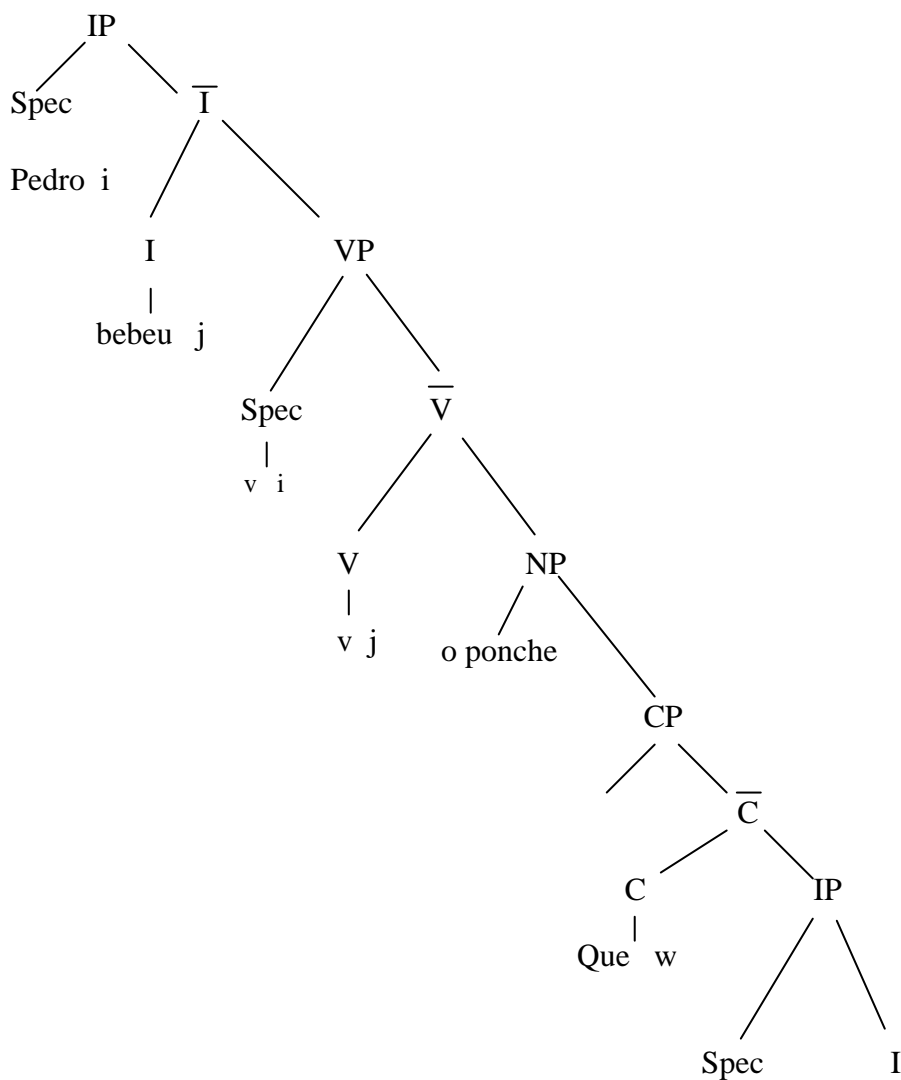


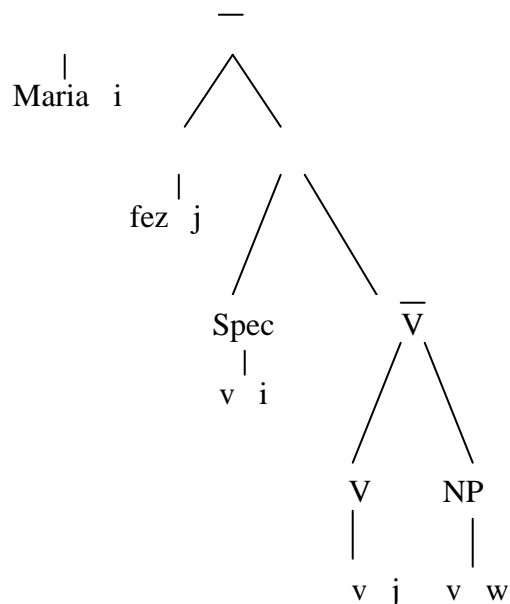
No caso de uma substantiva, a disposição é a seguinte:





Em se tratando de uma relativa, o indicador sintagmático pode ser visualizado a forma como segue:





Como a proposta foi a de apresentar umas tintas do formalismo, farei alusões a teorias existentes na teoria da gramática. Creio que este escrito serve mais para fazer que a curiosidade seja satisfeita em manual de algum sintaticista mais sistemático.

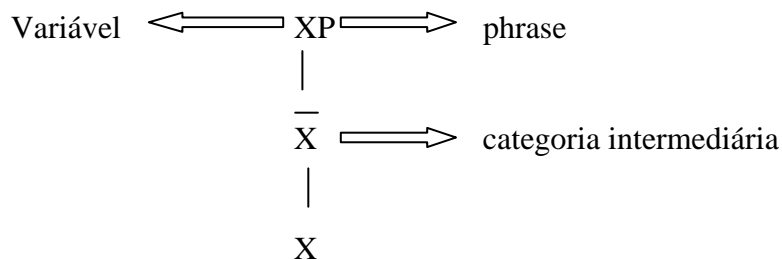
Perpassa, no texto, a intenção de filtrar alguns conceitos do gerativismo. Mas não é fácil. Veja o que diz Kato (2003:121):

“É muito mais fácil para um lingüista aprender regras, observar as regras do que abstrair para chegar a esse tipo de nível. Quer dizer, hoje está muito preocupado com a estética da teoria, além do nível explicativo. (...) Para o aluno que começa a estudar, a coisa é muito mais difícil... Exige muito mais inteligência para conseguir ler este tipo de texto”.

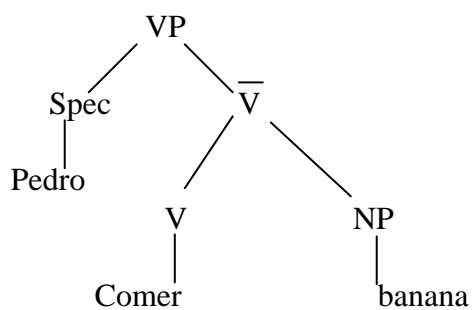
Em continuidade dou, a seguir, informações básicas, melhor dizendo, notícias sobre teorias da gramática.

i. Teoria \bar{X}

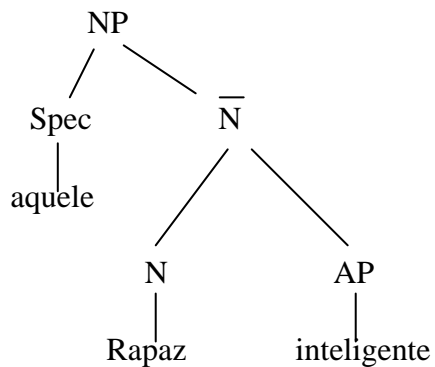
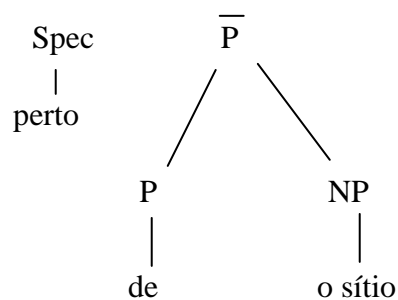
X é uma variável que substitui um núcleo que poderá ser Nome, Verbo, Adjetivo ou Preposição. Grosso modo, a barra garante as relações binárias da árvore, permitindo o aparecimento, de uma categoria intermediária respeitando a hierarquia.



Então, vê-se, como exemplo, substituindo o X:



PP



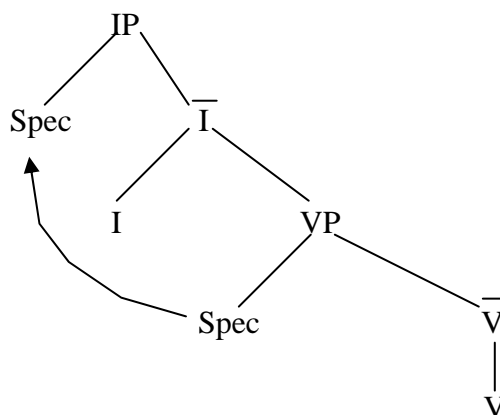
ii. Teoria do caso

Todo NP atualizado recebe caso. Os casos são atribuídos pela flexão (agr de agreement), caracterizada por pessoa, número e gênero, atribuindo o nominativo pelo verbo que atribui o caso acusativo; e a preposição que atribui o caso oblíquo. Veja:

Pedro vendeu **a bicicleta** para **João**.

Nom Acus Obl

O filtro do caso indica que todo NP realizado foneticamente recebe caso. No indicador sintagmático, o alçamento de NP de Spec de VP para Spec de IP se dá pela necessidade de marcação de caso. A ocorrência se dá por movimento. Observe:

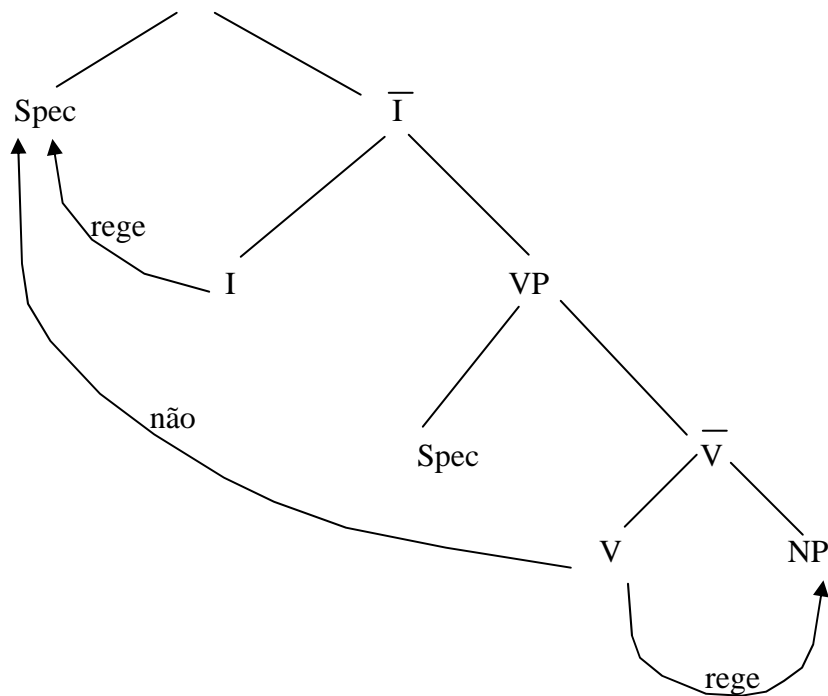


Na marcação de caso a atribuição se dá por regência que consiste na relação do termo regente ao regido. A regência implica, dentre outras relações, a de c-comando (constituente comando), definida a seguir:

A c-comanda B, se e somente se o nó de ramificação dominar A e B e, ainda, A não domina B nem B domina A.

Por exemplo:

IP



iii. Teoria temática θ (letra grega Theta)

De acordo com a teoria temática, os NPs, além de caso, tem papel θ . De modo geral, os papéis θ são: agente, paciente, objetivo, locativo, instrumento, benefactivo etc. Registre-se, igualmente, que todo NP é um argumento de um predicado. É o predicado (núcleo verbal) que seleciona o seu argumento interno (complemento) e seu argumento externo (sujeito). Exemplos:

Agente	Paciente
Pedro comprou o carro.	

Pedro saiu do escritório para a rua	
Fonte	Meta

Critério θ : ao argumento só pode ser atribuído um papel temático.

iv. Teoria da ligação

Em Sintaxe Gerativa do português..., Lobato (1986:463) diz que:

A teoria da ligação é uma teoria cujo objetivo é a identificação do antecedente de um anafórico e de um pronominal, quando houver tal antecedente. (...) Estar ligado significa estar coindexado com uma categoria que c-comande. Estar livre significa não estar coindexado com uma categoria que c-comande”.

Examine, pois:

Pedro se atrapalhou.

i i

Pedro acha que ele é inteligente.

i j

Princípios da teoria da ligação:

- A. A anáfora deve estar ligada na sua categoria de regência (domínio de ligação).
- B. O pronome deve estar livre na sua categoria de regência.
- C. A expressão – R são seqüências lingüísticas com significação independente. São nomes com referência própria. A expressão – R deve estar livre.

Essas teorias, com violenta simplificação, se constituem, dentre outras, num dos pontos de partida para atingir os meandros do formalismo chomskyano. Na verdade, os estudantes de Letras e de Lingüística não ignoram essas informações, como por exemplo, caso, papel temático, regência que, em tempos de antigamente, eram vistas no ginásio. Quer dizer, o diabo não é tão feio como a mulher que se pinta.

Reitero, por fim, que a idéia predominante no texto – a de dar notícia para quem não é do ramo – foi o meu intento. Pretendo ficar longe da ortodoxia e sistematicidade dos labirintos da gerativa, sem massacrá-la, como diria a sintaticista Ruth Lopes, da



Universidade Federal de Santa Catarina. Que sirva o escrito para motivar os alunos pelos cursos de gerativa em simpósios e congressos.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente*. Trad. De Lúcia Lobato; revisão de Mark Ridd. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

KATO, Mary. Entrevista. In: XAVIER, Antonio Carlos e CORTEZ, Suzana (orgs.). *Conversa com lingüistas*. São Paulo: Parábola, 2003.

LOBATO, Maria Lúcia Pinheiro. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

MIOTO, Carlos et alii. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999.

NEGRÃO, Esmeralda. A competência lingüística. IN: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2003